

PRINCIPE E PARADOXOS: O PODER SUBVERSIVO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA OBRA DE OSCAR WILDE

GT 10: ENSINO, CURRÍCULO E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

Trabalho completo

Silvana Rodrigues Pinto Verciano (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários/UNEMAT)
silvana.rodrigues@unemat.br

Resumo

O artigo analisa *O Príncipe Feliz*, de Oscar Wilde, considerando a formação do leitor infantojuvenil e a influência das narrativas mágicas na construção de valores éticos e na crítica social. Em um contexto de desigualdade e rigidez moral, Wilde utiliza elementos simbólicos para questionar as estruturas opressivas de sua época, refletindo sobre compaixão, sacrifício e justiça social. A pesquisa explora como os contos de fadas abordam questões profundas de forma acessível.

Palavras-chave: Conto. História Infantil. Narrativas Mágicas.

1 Introdução

Por trás das narrativas mágicas e personagens fantásticos dos contos de fadas, escondem-se mensagens profundas que exploram questões éticas, políticas e socioculturais, refletindo e criticando a sociedade em que foram criadas. No contexto da Era Vitoriana, os contos de Oscar Wilde emergem com críticas às estruturas opressivas da época. Desse modo, para a presente discussão, foi escolhido o conto *O Príncipe Feliz* (1888), da coletânea *Histórias de Fadas*, de Oscar Wilde. O renomado escritor, poeta e dramaturgo utiliza um estilo de prosa rico em elementos poéticos e estilísticos em seus contos infantis, ao mesmo tempo em que incorpora críticas sociais veladas ao contexto histórico em que vivia.

De acordo com Cosson (2014), a literatura é uma ferramenta poderosa na formação do leitor, pois possibilita a construção de sentidos e a reflexão crítica sobre o mundo. Nesse sentido, a análise de contos de fadas como o de Wilde permite compreender como essas narrativas mágicas impactam a formação do leitor, promovendo valores humanistas e estimulando o desenvolvimento cognitivo e moral.

Além disso, a literatura deve ser vista como um percurso para o processo de construção do conhecimento do leitor, fazendo com que este tenha uma visão reflexiva sobre a linguagem e crítica sobre a vida. Como afirma Antônio Candido em *O Direito à Literatura* (1995), a literatura “humaniza em sentido profundo, porque faz viver [...] Entendo aqui por humanização... o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo” (Candido, 1995, p. 244-249).

Feitos tais esclarecimentos introdutórios, informa-se que o presente artigo almeja, portanto, analisar o processo de construção da missiva humanista constante em narrativas mágicas, enfatizando aspectos éticos, políticos e socioculturais. Pretende-se investigar como os elementos sociais e o contexto histórico influenciam a narrativa e a formação do leitor infantojuvenil, promovendo reflexões críticas sobre a realidade. Para isso, o artigo se estrutura em três seções: Conceitos: Literatura e Sociedade, Esteticismo e Narrativas Fantásticas e Análise da Missiva Humanista de O Príncipe Feliz, seguidas das Considerações Finais.

2 Conceitos: literatura e sociedade

Diversos estudos buscam aproximar as obras literárias de seu condicionamento social, explorando como a literatura reflete, influencia e é influenciada pela sociedade em que é produzida. Segundo Antônio Candido (2000), no século XIX, esse condicionamento era chave para compreender a obra literária, apesar dessa ideia ter sido posteriormente relativizada. Ele argumenta que, embora hoje se considere a independência da arte, permitindo que ela seja expressa sem relação direta com elementos externos, o entendimento pleno de uma obra só pode ser concebido pela fusão entre texto e contexto.

Segundo Cosson (2014, p. 17), “a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, pois torna o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”. Nesse sentido, a formação do leitor literário tem grande significado. Ele precisa estar apto a escolher suas leituras, apreciar a construção narrativa e a significação estética da obra e, o mais importante, desfrutar de sua escolha, tornando a leitura um hábito diário.

Wellek e Warren (1955) afirmam que a literatura é uma instituição social que se expressa por meio da linguagem, uma criação social. Eles destacam que a literatura representa a vida, o que suscita indagações sobre as relações entre a literatura e determinadas situações sociais, sistemas econômicos e políticos. Nesse contexto, os críticos marxistas se voltam para essas relações, buscando entender como a literatura reflete e influencia as estruturas sociais. Logo, no contexto das narrativas mágicas, a relação entre literatura e sociedade se torna ainda mais evidente. Oscar Wilde, inserido na sociedade inglesa vitoriana, utilizou suas obras para criticar as desigualdades sociais e a rigidez moral da época. Nessa perspectiva, Candido afirma que

[...] o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo. (CANDIDO, 2000, p. 7)

Isso significa que os fatores sociais devem ser considerados em seu papel de formadores da estrutura da obra, juntamente com os fatores psicológicos, religiosos e linguísticos. No caso dos contos de fadas de Wilde, como *O Príncipe Feliz*, a crítica social não é apenas um pano de fundo, mas um elemento intrínseco à narrativa, que influencia o conteúdo e a forma da obra.

Wellek e Warren (1955) também destacam que, embora a literatura não seja um reflexo direto da realidade social, ela pode ser entendida como “a essência, o resumo e o sumário de toda a história” (p. 115). Eles propõem diferentes abordagens para o estudo das relações entre literatura e sociedade, incluindo a sociologia do escritor e da profissão, o conteúdo social das obras literárias e o problema do público e da influência social da literatura.

Pode-se reconhecer que Wellek e Warren propõem a literatura como um fenômeno social não unidirecional. Em vez de ser apenas um espelho passivo da sociedade, a literatura é vista como um agente ativo que sintetiza e interpreta a experiência humana, influenciando e sendo influenciada pelos contextos sociais. Essa perspectiva incentiva uma abordagem multidisciplinar na análise literária, incorporando insights da sociologia, história e estudos culturais. Ao entender o escritor em seu contexto social, é possível apreciar como suas obras refletem e respondem às condições de sua época. Ao analisar o conteúdo social das obras, é possível investigar de que modo temas como gênero, raça e poder são abordados na literatura.

Ao considerar a influência sobre o leitor, reconhecemos o papel da literatura na formação de valores, ideologias e movimentos sociais. Por fim, Wellek e Warren (1955) abordam a literatura não apenas como um produto cultural, mas como uma força dinâmica que sintetiza a história e contribui para moldar a consciência social. Essa visão é relevante e incentiva leitores e críticos a explorarem as profundas conexões entre texto, autor e sociedade.

No contexto da formação do leitor, Rildo Cosson (2014) enfatiza que a literatura desempenha um papel fundamental, pois possibilita a construção de sentidos e a reflexão crítica sobre o mundo. Através da leitura literária, o leitor é capaz de vivenciar experiências diversas e desenvolver empatia, o que contribui para sua formação como cidadão consciente e crítico.

Teresa Colomer (2007) complementa essa ideia ao afirmar que as narrativas mágicas permitem que a criança explore mundos imaginários que refletem e questionam a realidade. Segundo a autora, “os contos de fadas oferecem às crianças a possibilidade de compreender e enfrentar conflitos internos e sociais por meio de símbolos e metáforas” (Colomer, 2007, p. 35).

Dessa forma, a literatura, especialmente as narrativas mágicas e os contos de fadas, serve como um espaço privilegiado para o diálogo entre o texto e o contexto social. Ao abordar temas

como desigualdade, injustiça e compaixão em um cenário fantástico, as obras de Wilde permitem que leitores de todas as idades reflitam sobre a condição humana e as questões sociais tanto de sua época quanto do presente. Candido (2000) reforça a importância desse diálogo ao afirmar que:

A obra depende estritamente do artista e das condições sociais que determinam sua posição. [...] Os valores e ideologias contribuem principalmente para o conteúdo, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na forma. (Candido, 2000, p. 30)

Assim, ao considerar a literatura como uma comunicação expressiva que pressupõe a interação entre autor, obra e público, compreendemos que ela desempenha um papel significativo na formação do leitor e na reflexão sobre a sociedade.

3 Esteticismo e narrativas fantásticas

O Esteticismo surgiu em 1880 e se estendeu até o início do século XX como uma reação ao utilitarismo e à ênfase excessiva na moralidade e na função social da arte. Inserido em um contexto histórico marcado pela Revolução Industrial e pelas profundas mudanças sociais na Inglaterra vitoriana, o movimento buscava desafiar as estruturas rígidas da sociedade e promover a valorização da arte pela arte. Os defensores desse movimento desafiavam as normas sociais e as convenções estabelecidas, muitas vezes consideradas como opressivas e limitantes.

De acordo com Pires (2005), o movimento foi uma fase de incertezas e inquietações, sendo um dos períodos mais produtivos para as atividades intelectuais. A autora afirma que essa fase “[...] abrangeu uma ampla variedade de formas de expressão na literatura e nas artes, de entre as quais o Esteticismo e o Decadentismo” (2005, p. 10).

O movimento estético encorajava a liberdade de pensamento, a experimentação e a transgressão das fronteiras impostas pela moralidade vitoriana. Pires (2005) afirma que Oscar Wilde ‘pregava aos vitorianos obcecados pelo dever e pela moral que a busca do prazer e da beleza era o principal objetivo da vida, que se manifestava na arte’ (p.10). Essa postura provocativa abriu espaço para novas formas de expressão e para a quebra de barreiras tradicionais, permitindo que questões sociais como a desigualdade, a pobreza e a injustiça fossem abordadas de maneira sutil nas obras literárias.

Oscar Wilde escreveu um total de nove contos de fadas, agrupados e publicados em dois volumes: “O Príncipe Feliz” (1888) e “Uma Casa de Romãs” (1891). Além da influência de seus pais, envolvidos com o folclore céltico e irlandês, Wilde foi motivado pelo desejo de criar histórias que falassem aos seus filhos pequenos e pela admiração por coletâneas de contos infantis, como as de Hans Christian Andersen.

Nesse contexto histórico, o conto surge como uma obra literária que encerra em si uma linguagem sofisticada, permeada por metáforas, ironias e jogos de palavras. Além disso, combina habilmente elementos fantásticos e mágicos, entrelaçando-os com reflexões filosóficas e críticas sociais. A utilização do conto de fadas como veículo permite a Wilde criticar a sociedade vitoriana sem confrontá-la diretamente, alcançando tanto o público infantil quanto adulto. Coutinho (2008) diz que “[...] a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade” (p. 9).

Essa ideia ressalta a natureza criativa e transformadora da literatura, onde os escritores exercem seu poder de dar vida a personagens, narrativas e cenários que, embora possam ter raízes no mundo real, são moldados pela imaginação e pelo espírito do artista. As características dos contos de Wilde incluem a elegância da linguagem combinada com a estranheza do conteúdo. Estilisticamente, são estudos perfeitamente articulados, ora em tom bíblico, ora cheios de descrições sensuais. Neles, são transmitidas parábolas sobre egoísmo, narcisismo, altruísmo e sacrifício, como em “O Príncipe Feliz”.

No caso de Wilde, a transfiguração do real permite que temas como a opressão social e a hipocrisia moral sejam explorados em um cenário mágico, facilitando a assimilação dessas críticas pelo leitor. Aliada à dimensão retransmitida pelo autor, é pertinente considerar que o conto de fadas, ao agenciar elementos fantásticos como os que são tratados acima, configura-se como uma instância narrativa que mescla o prazer advindo da construção e da vivência com o fantástico à contingência da realidade. Os prodígios-, sustentam suas bases estéticas nesses dois polos intercambiantes: realidade e fantasia. Nesse sentido, Warner (1999) afirma que:

O encantamento também universaliza os cenários das narrativas, oculta interesses, crenças e desejos sob imagens brilhantes e sedutoras, que são em si uma forma de camuflagem, tornando possível emitir verdades rudes, de ousar dizer o que deve calar. O desprezo pela lógica, todas as falácias e reviravoltas improváveis dos contos de fadas raramente contêm os conflitos emocionais em si: o ódio, a inveja, a bondade e o carinho retêm uma intensa integridade do começo ao fim. A visão dupla dos contos, por um lado mapeando impulsos e terrores perenes, conscientes bem como inconscientes, e por outro delineando experiências reais e voláteis, empresta ao gênero seu fascínio e poder de fazer. (WARNER, 1999, p. 19)

Nessa afirmativa de Warner (1999), destaca-se a importância do encantamento e do poder das narrativas em transmitir verdades profundas de maneira envolvente. Ao transcender a lógica e abordar as complexidades emocionais da condição humana, os contos de fadas têm a capacidade de capturar a atenção do público e oferecer insights sobre a natureza humana e as experiências da vida de uma maneira que vai além da realidade imediata. Além disso, servem

como ferramentas críticas para refletir sobre questões sociais, permitindo que temas delicados sejam explorados de forma acessível e impactante.

Os contos de fadas de Wilde também são notáveis por seus finais infelizes ou não resolvidos. Alguns são simplesmente tristes, outros irônicos, muitos são profundamente cínicos. Três de seus quatro contos concluem com a morte dos protagonistas e nenhum deles tem um final feliz convencional. Essa abordagem desafia as convenções tradicionais dos contos de fadas e reflete a visão crítica de Wilde sobre a sociedade vitoriana.

Portanto, percebe-se que esses elementos presentes no conto não apenas entretêm as crianças, mas também proporcionam oportunidade para explorar questões mais profundas. Posto isso, ainda que as histórias de fadas sejam direcionadas ao público infantil, os contos abordam temas mais profundos e exploram a dualidade entre a beleza e a tragédia, a inocência e a realidade sóbria do mundo. Essa dualidade reflete as contradições da sociedade vitoriana, onde a aparência de prosperidade e moralidade ocultava problemas sociais graves, como a pobreza extrema e a injustiça social. Isso permite que o leitor, independentemente da idade, se envolva com a narrativa e aprecie suas camadas de significado.

4 Análise da missiva humanista de o Príncipe Feliz

O conto *O Príncipe Feliz*, de Oscar Wilde (1888), trata da história comovente de um Príncipe falecido que se transforma em uma magnífica estátua localizada no alto de uma colina, bem acima da cidade. Ela é adornada com folhas de ouro, olhos de safira e uma espada com um rubi. No entanto, mesmo com sua aparência majestosa, a estátua é tomada pela solidão e tristeza ao contemplar a miséria e o sofrimento de seu povo do topo de uma colina. Incapaz de intervir e mudar essa realidade, o Príncipe permanece desolado e lamenta sua terrível condição, como pode ser percebido no trecho a seguir: “[...] eles me puseram aqui, tão alto que posso ver todo o mal e toda a miséria da minha cidade e, mesmo que meu coração seja feito de chumbo, não posso evitar chorar.” (WILDE, 2019, p. 9)

Este trecho evidencia a distância entre a elite e as classes menos favorecidas na sociedade vitoriana, representando a indiferença e a inacessibilidade dos governantes em relação ao povo. Como aponta Colomer (2007), “os contos permitem abordar questões sociais complexas por meio de símbolos que a criança pode compreender e questionar” (p. 42).

Ao mergulhar na narrativa de Wilde, o leitor é convidado a decifrar códigos linguísticos, psicológicos e estruturais, aproximando-se dos personagens e das situações apresentadas. Essa interação promove não apenas o prazer estético, mas também o desenvolvimento do

pensamento crítico e a reflexão sobre questões éticas e sociais. Cosson (2014) afirma que “é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos” (p. 16).

No entanto, tudo muda quando uma Andorinha tardia, prestes a migrar para o Egito, cruza o caminho do Príncipe. Comovida pela triste história da estátua e sua melancolia, a Andorinha decide ajudá-lo, com a promessa de ficar mais uma noite. O pássaro se propõe a realizar atos de bondade e generosidade, aliviando o sofrimento dos necessitados.

Com suas asas ágeis, a Andorinha voa incansavelmente de um lado para o outro, determinada em ajudar o Príncipe. Ela prontamente atende os desejos do Príncipe em doar os seus bens mais valiosos, a começar pelo rubi da espada, depois os olhos de safira e, por último, despe-o das preciosas folhas de ouro que o envolviam. Esses atos simbolizam a redistribuição de riquezas da elite para os necessitados, uma crítica direta à desigualdade social e à concentração de riqueza característica da sociedade da época. A Andorinha representa o agente de mudança, alguém disposto a sacrificar seus próprios interesses pelo bem comum, refletindo ideais humanistas e socialistas emergentes.

O Príncipe, por sua vez, encontra na generosidade da Andorinha um novo sentido para sua existência. Ao testemunhar a compaixão e o sacrifício da ave, ele compreende que o verdadeiro propósito da vida está em ajudar e amar o próximo. No desfecho da história, tanto a Andorinha quanto o Príncipe encontram um destino trágico, mas seu espírito altruísta e a lição de empatia deixada são eternos.

Assim, o conto de Wilde é um convite à reflexão sobre a importância do amor e da compaixão em um mundo marcado pela desigualdade e pelo sofrimento, sendo essas mensagens essencialmente humanistas. Através da narrativa, Wilde critica a indiferença da aristocracia e das instituições sociais em relação aos pobres, expondo as falhas de uma sociedade que valoriza mais a aparência e a riqueza material do que o bem-estar de seus cidadãos. Segundo Cosson (2014), “a literatura possibilita ao leitor uma experiência estética que o leva a refletir sobre si mesmo e sobre a sociedade” (p. 75), promovendo uma consciência crítica.

Segundo a teoria de Bettelheim (1997), psicanalista e autor do livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, os contos de fadas podem ser entendidos como metáforas simbólicas que tratam dos dilemas e desafios humanos universais. Eles transcendem sua aparência infantil e

tocam questões profundas da condição humana, permitindo-nos encontrar significado e identificação em suas narrativas. Nesse sentido, ele afirma que:

Todos os bons contos de fadas têm significados em muitos níveis; só a criança pode saber quais significados são importantes para ela no momento. À medida que cresce, a criança descobre novos aspectos desses contos bem conhecidos, e isso lhe dá a convicção de que realmente amadureceu em compreensão, já que a mesma história agora revela tantas coisas novas para ela. (Bettelheim, 1997, p. 8)

Essa perspectiva de Bettelheim (1997) destaca a importância dos contos de fadas como ferramentas para o desenvolvimento infantil. No caso de *O Príncipe Feliz*, são expostos temas como empatia, justiça social e responsabilidade coletiva, influenciando positivamente sua formação moral e ética. Colomer (2007) reforça que “a literatura infantil é essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de questionar o mundo” (p. 50).

Eles podem ajudar as crianças a explorar questões emocionais, desafios e dilemas morais de uma maneira que ressoa com a própria experiência e compreensão do mundo. Além disso, a natureza simbólica e aberta dos contos permite que sejam interpretados e adaptados por diferentes gerações, garantindo sua relevância contínua para a criança e o adulto ao longo do tempo. Nesse ponto, Candido (1988) afirma que:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (Candido, 1988, p. 113)

Nesse sentido, Candido (1988) salienta que a literatura possui uma importância equiparada às formas explícitas de influência intencional, como a educação familiar, em grupo ou escolar. Assim, contos como *O Príncipe Feliz* desempenham um papel importante na formação de jovens leitores, oferecendo não apenas entretenimento, mas também uma reflexão crítica sobre a sociedade e seus valores. Cosson (2014) enfatiza que “a leitura literária é uma prática social que contribui para a formação do sujeito leitor e para a construção de sua identidade” (p. 80).

Partindo desse contexto, as sociedades desenvolvem suas expressões literárias, sejam elas ficcionais, poéticas e dramáticas - como resultado de suas crenças, sentimentos e normas, fortalecendo, dessa forma, sua existência e participação na sociedade. Em paralelo a essas percepções, Veloso (1988) considera que não se pode reduzir a literatura a um mero retrato social, pois isso reduziria a arte em uma análise muito simplista. Sendo assim, ela afirma que “[...] a sociedade é uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, pois se o escritor exterioriza seu ser no mundo social, ele também o interioriza como realidade objetiva” (p. 240).

Dessa forma, Wilde não apenas reflete a sociedade vitoriana, mas também a interpreta e a questiona, influenciando a percepção dos leitores sobre o mundo ao seu redor.

Ao erguer os olhos das páginas amareladas e do mundo metafísico dos contos de fadas, somos levados a refletir sobre a informação cognitiva e social que permeia essas histórias. Ao analisar essas histórias, somos capazes de explorar não apenas os aspectos psicológicos e emocionais, mas também as questões sociais, políticas e morais que são transmitidas através delas. Nessa lógica, Candido (1988) assevera que “[...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (p. 122), e, por estas razões, a literatura está relacionada à luta pelos direitos humanos.

Logo, o conto *O Príncipe Feliz* convida o leitor a uma jornada além da fantasia, permitindo encontrar reflexões sobre a condição humana, ao mesmo tempo em que exploramos a interconexão entre o mundo imaginário e a realidade. Para o leitor infantojuvenil, essa história serve como um instrumento de conscientização sobre as injustiças sociais e a importância da empatia e da solidariedade, valores essenciais para a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a transformação social. Como afirma Freire (1996), “a educação verdadeira é práxis, reflexão e ação do homem sobre o mundo para transformá-lo” (p. 47).

5 Considerações finais

O conto revela-se uma obra complexa, que vai além de uma simples história infantil. Ele nos convida a refletir sobre a sociedade da época, abordando questões simbólicas relacionadas à perspectiva mordaz e crítica de Wilde, enquanto também apresenta elementos humanistas e uma abordagem social, refletindo aspectos da vida do autor e do contexto histórico em que a obra foi escrita. Através da combinação de elementos mágicos e realidade social, Wilde consegue impactar o leitor, influenciando sua percepção sobre temas como desigualdade, justiça e empatia, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e críticos.

Como aponta Candido (1995), a literatura “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (p. 249). Nesse sentido, contos como *O Príncipe Feliz* desempenham um papel essencial na humanização do leitor, promovendo valores que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Portanto, as vertentes humanistas retratadas pela literatura precisam compor a pauta das análises literárias modernas, tendo em vista que o estudo do social inserido em contextos

ficcionais são retratos vívidos da sociedade. Assim, o Esteticismo, a missiva humanista e as narrativas mágicas devem ser analisadas como partes de um todo a fim de prover novas visões na baila acadêmica hodierna. Ao enfatizar a relevância dessas obras na formação de jovens leitores, reconhecemos o poder da literatura infantojuvenil na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Como defende Cosson (2018), “promover o letramento literário é contribuir para a formação de leitores capazes de atuar criticamente no mundo” (p. 95).

Nesse sentido, é essencial continuar estudando e valorizando os contos de fadas e narrativas mágicas, não apenas como entretenimento, mas como ferramentas educativas que estimulam o pensamento crítico, a empatia e a consciência social. Através da leitura e análise dessas obras, podemos incentivar leitores de todas as idades a refletir sobre suas realidades e a buscar transformações positivas na sociedade.

Referências

- BARTHES, Roland. **O prazer do Texto**. São Paulo - SP: Editora Perspectiva S.A, 1987.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz, e Terra, 1997.
- CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antônio. **O Direito à literatura**. In: Vários escritos. São Paulo - SP: Livraria Duas Cidades, 3. ed., 1995.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 12. ed., 2011.
- CANDIDO, Antônio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos E... Cjp: Ed. Brasiliense, 1989.
- CARBONELL, Jaume. **A Aventura de Inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- PIRES, Eliane C. Raab. **Oscar Wilde: a tragicidade da vida de um escritor**. Bragança – PT: Instituto Politécnico de Bragança, 2005, p. 10.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Editora Possível, 1955.
- WILDE, Oscar. **O Príncipe Feliz**. In: História de Fadas/Oscar Wilde. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019.